

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

## Um lugar para o poeta baiano Camillo de Jesus Lima: entre nós.

Esmeralda Guimarães Meira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Camillo de Jesus Lima é um escritor do sudoeste da Bahia que participou ativamente da roda literária no século XX, principalmente entre as décadas de 40 a 50, período em que foram publicados cinco dos seus sete livros editados, todos de poemas: *As trevas da noite estão passando* (1941), *Poemas* (1944), *Novos poemas* (1945), *Viola Quebrada* (1945), *Cantigas da tarde nevoenta* (1955), *A mão nevada e fria da saudade* (1971), *O livro de Miriam* (1973). Embora muito bem conceituado pela crítica literária naquele período, no momento presente a obra desse poeta ainda se encontra sob a condição de um verdadeiro ostracismo; esquecido e sem o reconhecimento que lhe é devido pela sua participação no panorama literário baiano do século XX. Além de poeta, Camillo de Jesus Lima escreveu crônicas, contos e romances, com publicações em jornais e revistas da Bahia e de outros estados brasileiros; atuou como tradutor de Garcia Lorca, Charles Baudelaire, W. Whitman; foi crítico de rodapé nos jornais *A Tarde*, de Salvador/Bahia e *nO Combate*, de Vitória da Conquista/Bahia. O propósito desse artigo é tentar romper com tal estado de silêncio ao apresentar ao público acadêmico da atualidade uma memória literária relevante para os estudos da literatura baiana.

**Palavras-chave:** Literatura baiana; Poesia; Camillo de Jesus Lima.

*Solidão uma conversa, eu estou é no meio do mundo.*

Camillo de Jesus Lima

Entre o período que Camillo de Jesus Lima escreveu e publicou e o momento atual há uma lacuna que denominamos tempo de esquecimento, embora alguns estudiosos da literatura baiana tenham se empenhado em ver preenchido o espaço devido a esse poeta na memória cultural e literária da Bahia e por que não brasileira. Para compreendermos essa

---

<sup>1</sup> Professora efetiva da Universidade do Estado da Bahia, mestra pelo Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens / UNEB, com a dissertação intitulada “Muito além da tardes nevoentas: um estudo da lírica de Camillo de Jesus Lima”, sob a orientação do Dr. Carlos Augusto de Magalhães. E-mail: [esmelmeira@yahoo.com.br](mailto:esmelmeira@yahoo.com.br)

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

situação um tanto paradoxal, apresentamos nesse artigo o autor e sua trajetória como homem de letras.

O pesquisador piauiense Assis Brasil, que já há algum tempo vem catalogando, em antologias, os principais poetas do século XX dos diversos estados brasileiros, inclui o nome de Camillo de Jesus Lima ao lado dos de poetas que fazem parte da historiografia literária baiana; autores que, em determinado tempo e em diferentes localidades, montaram o mosaico da literatura brasileira. Do sul baiano, Sosígenes Costa e Jorge Medauar, da região de Feira de Santana, Eurico Alves e Godofredo Filho, do recôncavo, Jacinta Passos, do alto sertão, Camillo de Jesus Lima, entre tantos nomes destacados pelo organizador da coletânea, como poetas modernistas (BRASIL, 1999). Isso reforça a importância da nossa proposta de estudo.

Camillo de Jesus Lima nasceu nas lavras de Caetitê, Bahia, em 08 de setembro de 1912, filho de Francisco Fagundes de Lima e de Esther Fagundes da Silva. Da família herdou o hábito da leitura e a tendência literária. Bons exemplos são o próprio pai e o poeta e tio-avô Plínio de Lima, amigo e colega de Castro Alves na Faculdade de Direito do Recife.

Com o pai – professor leigo itinerante – Camillo de Jesus Lima aprendeu a ler livros e mundo, ainda muito menino. O itinerário dos Lima ganhou corpo no percurso de algumas cidades da Bahia e do norte de Minas Gerais: Caculé, Condeúba, Tremedal, Monte Verde, São João do Paraíso, Encruzilhada são algumas delas, locais onde o menino poeta datou seus primeiros poemas. Aos nove anos, por influência do professor Fagundes, Camillo de Jesus Lima publicou, no semanário *O Alvorecer*, em Condeúba (BA), seu primeiro poema, conforme própria declaração em *Cooperação* (LEITE, 1945).

Alguns sentimentos que embalaram a infância e a adolescência serviram-lhe de mote para muitos versos, outros lhe marcaram profundamente vida e obra. Uma das lembranças do poeta foi descrita em crônica, resgatada pelo filho Luís Carlos no documentário áudio-visual *Camillo Poeta de Jesus Lima* (UESB, 1987). O poeta também fez referência a essa passagem em uma entrevista concedida ao jornal *O Momento* – periódico no

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

qual circulavam os ideais da esquerda comunista na Bahia – em matéria intitulada “A missão do artista é lutar pela democracia e o progresso – um escritor a serviço do partido de Prestes”. O poeta tinha catorze anos quando, em 1926, a Grande Marcha da Coluna Prestes passou pelo sertão da Bahia, causando certa agitação na vila de Caculé. A lembrança que ele guardou desse encontro foi a de um homem de “alma iluminada”, apeando-se do cavalo em frente à casa simples de seu pai, o professor Fagundes. O menino Camillo serviu-lhe um copo com água e nunca se esqueceu do gesto de Luiz Carlos Prestes passando a mão sobre sua cabeça, alisando-lhes os cabelos. Embora não compreendesse exatamente o que os adultos conversavam, o menino reconhecia naquele homem um representante do povo, um lutador com cujos ideais um dia viria a compartilhar.

Atento aos acontecimentos que cercavam a região e motivado por uma reportagem que denunciava a perseguição aos revolucionários da Coluna Invicta, – ou ainda pelas lembranças do encontro de 1926, em Caculé – Camillo escreveu um poema em que exaltava a figura do líder socialista (TANAJURA, 2000). Desse poema não encontramos publicação, mas muitos outros foram escritos e dedicados ao *Cavaleiro da Esperança* – apologia ao texto de Jorge Amado sobre Carlos Prestes – o poema intitulado “Meu Capitão”, escrito em 23 de março de 1945, que traz como epígrafe um verso do poema “Oh, Capitão! Meu capitão!” de Walt Whitman. Nesse texto, que faz parte da coletânea inédita *Poemas do Povo*, de 1942, o poeta coloca-se ao lado de Prestes, confiante em um mundo mais justo, mais humano, embora reconheça o quanto há de se lutar para a concretização de conquistas:

Meu capitão! Vamos continuar a viagem,  
Nossa tormentosa viagem de onde, talvez, não voltaremos!  
Garcia Lorca não voltou, naquela manhã brumosa de Granada,  
Mas continua, cada vez mais vivo, como uma estrela,  
A clarear a noite das angústias.

Os amores também marcaram a lírica camilliana com grande frequência. Muitos dos seus poemas da adolescência foram inspirados e dedicados a duas garotas, uma “de olhos

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

redondos e cara de lua cheia” e outra de nome Nair. Alguns deles se perderam, mas outros foram compilados em cadernos, o que resultou em seu primeiro livro, escrito em São João do Paraíso (MG), ainda durante o ano de 1928. Livro este não publicado e que, segundo crítica do próprio poeta, lhe parecia cheio de falhas. Como podemos ver abaixo Camillo de Jesus Lima sempre se mostrou um severo autocrítico:

Até 1934 era um indivíduo literariamente inconseqüente. Fazia poesia como Schiller a definiu: uma força que age duma maneira divina e inapreendida, além e acima da consciência. Ou como Bacon a compreendia: uma questão de palavra e de forma. Na cidade de Conquista, onde a tragédia humana me ensangüentou a sensibilidade, comecei a compreender que a minha arte devia ter outra finalidade. Devia esquecer o mundo das emoções subjetivas e ter uma função social (LIMA apud LEITE, 1945).

Vitória da Conquista foi palco de lutas e chacinas, disputa cruel entre os índios que ali viviam até 1730 e os colonos conquistadores pela posse das terras do sudoeste baiano. Mais de duzentos anos separam Camillo de Jesus Lima desses conflitos, embora a Conquista do início do século XX ainda trouxesse na memória e no comportamento de seu povo resquícios de lutas pelo poder.

Precisamente em 1935 Camillo de Jesus Lima mudou-se para a cidade considerada a maior da região, pois desde 1926, Vitória da Conquista começava a se movimentar com a abertura da primeira estrada de rodagem (hoje BR 116), com a chegada de emissoras de rádio, jornais, correios e do automóvel, conforme destaca Aníbal Viana (1982). Também em 1935 Camillo de Jesus Lima ganhou, como poeta, um 1º prêmio na revista carioca *Vamos Ler!* e a partir deste momento tornou-se seu colaborador.

Camillo de Jesus Lima contribuiu significativamente com a cultura dos lugares onde viveu. Em Vitória da Conquista conheceu alguns intelectuais que desenvolviam atividades políticas e culturais e com eles passou a atuar. Nesse rol estão Bruno Bacelar, Laudionor Brasil, Erathósthene Menezes, Clóvis Lima, entre outros com os quais fundou, em 1938, a Ala de Letras de Vitória da Conquista e da qual se tornou primeiro presidente. Nesse período, a produção literária de Camillo de Jesus Lima era veiculada apenas em jornais;

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

somente em 1941 publicou seu primeiro livro em parceria com Laudionor Brasil – poeta, jornalista e proprietário fundador do Jornal *O Combate* (agosto de 1929) sediado em Vitória da Conquista, Bahia. Este semanário fomentou o ideário revolucionário e ajudou na formação intelectual dos jovens escritores conquistenses da época. As suas instalações serviram também de sede para reuniões e atividades da Ala de Letras.

Em 1939 Camillo de Jesus Lima casou-se com Maria José dos Santos Lima – Miriam – a quem dedicou o seu último livro publicado em vida, *O livro de Miriam* (1973). Com ela teve o filho Luís Carlos – homenagem a Luiz Carlos Prestes – “Eu, para Carlos Prestes, só tive duas homenagens, confessa Camillo: o nome do meu filho e os meus versos” (LEITE, 1945) e a filha Albion Helênica, “[...] outra homenagem à Inglaterra e à Grécia, na resistência contra o nazismo” (TANAJURA, 2000).

Além de poeta, Camillo de Jesus Lima exerceu atividades de professor, jornalista, cronista, crítico, secretário e oficial de cartório. Colaborou com vários jornais e revistas da Bahia e de outros estados brasileiros. Também escreveu para a revista carioca *Leitura*, para os jornais baianos *O Malho* e o *Diário da Bahia*, entre outros. Destaque especial para o semanário *O Combate*, de Vitória da Conquista, Bahia, jornal do qual se tornou redator-chefe em 1940. Nesse jornal publicou poesias, crônicas, artigos e traduções de obras da literatura universal, a exemplo de textos de Walt Whitman, Garcia Lorca e Baudelaire. Como “crítico de rodapé” atuou em 1955, também na coluna “Literatura e Artes”, do Jornal *A Tarde*, de Salvador, Bahia.

Por indicação de Jorge e James Amado, Camillo de Jesus Lima deveria participar do “I Congresso de escritores brasileiros”, evento de âmbito nacional ocorrido em São Paulo no dia 22 de janeiro de 1945; porém, a falta de passagem de Vitória da Conquista para São Paulo no período, impediu que o poeta estivesse entre aqueles que discutiram a literatura brasileira naquele momento. A constante colaboração de Camillo de Jesus Lima com a cultura e a literatura baiana e brasileira nos anos que se seguiram confere ao poeta a condição de delegado eleito pelos artistas baianos para representar a Bahia no “III Congresso de escritores

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

brasileiros” juntamente com outros artistas baianos. O jornal *O Momento* publicou notícia com fotos de alguns dos delegados eleitos para representar a Bahia no “III Congresso de escritores brasileiros”, dentre eles Wilson Rocha, Adroaldo Costa, Jacinta Passos e Camillo de Jesus Lima.

Camillo de Jesus Lima foi secretário da Prefeitura de Vitória da Conquista por sete anos e meio, até 1945, na gestão Régis Pacheco. Em seguida submeteu-se a uma seleção pública a Oficial de Registro de Imóveis e Hipotecas em Macarani, Bahia, para onde se mudou em 1946 e passou a exercer a função. Nessa pacata cidade o tempo lhe parecia arrastado, sentia-se muito isolado e valia-se da rica biblioteca que carregava consigo, com muitos dos livros herdados do pai. A partir desse período, Camillo de Jesus Lima também começou a fazer um estudo sobre a obra de Karl Marx e em 1950 filiou-se ao Partido Comunista, embora muito antes já se declarasse um intelectual de esquerda: “Deixei de ser um místico da beleza e fiz da arte uma arma de combate. A Aliança Libertadora já me achou comunista. Eu seria comunista se não houvesse comunismo” (LIMA apud LEITE, 1945).

Essa declaração do poeta pode ser confirmada no texto “Literatura e política: a trajetória de um poeta militante no interior da Bahia”, uma das poucas pesquisas sobre a obra de Camillo de Jesus Lima, desenvolvida pelos historiadores Maria Aparecida Sousa e Carlos Gomes Borborema. Os autores comentam a trajetória do “poeta proletário” e as influências que determinaram sua produção literária e crítica:

Durante as décadas de 40 e 50, Camillo Lima produziu inúmeras crônicas políticas e artigos, regularmente veiculados com o objetivo de tornar público o ideário comunista, que prevaleceram sobre as matérias anticomunistas que haviam infestado as páginas do jornal na década anterior. Os escritos jornalísticos do *poeta proletário* – como gostava de se autodefinir – tratavam, basicamente, de questões sociais, a partir da leitura que fazia do marxismo-leninismo e da propaganda oficial da URSS, do heroísmo de lideranças comunistas internacionais e nacionais, como Prestes, do avanço da luta pelo socialismo e de outros temas, que serviam como sustentáculo para as suas elaborações (SOUSA e BORBOREMA, 2001, p.234).

Consideramos o caráter político apenas uma das facetas da produção literária de Camillo de Jesus Lima, colocada em evidência pelo fato de o escritor ter tido apoio de alguns

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

jornais que permitiram a divulgação de seu ideário comunista, o que se sobrepõe ao conjunto que caracteriza a obra poética. Na poesia, Camillo de Jesus Lima reconstrói a temática social a partir do encontro com o lírico.

Em 1953 o Jornal *Diário da Bahia* lançou o nome de Camillo de Jesus Lima para ocupar a vaga de Antônio Viana, na Academia de Letras da Bahia, honraria que não se consumou, pois uma das exigências seria residir em Salvador. O domicílio no interior foi decisivo para a não efetivação da candidatura. A retirada desta cláusula concernente à inserção de uma personalidade na Academia de Letras da Bahia foi deliberada somente em 2008, segundo informação verbal do acadêmico Aleilton Fonseca. Esta mudança propicia aos escritores residentes fora da capital o reconhecimento de suas obras, independentemente da localidade onde eles atuam. Somente em 1955, por força de motivos pessoais, Camillo de Jesus Lima pediu licença temporária do cartório onde trabalhava e fixou residência em Salvador. Foi nesse período que exerceu a atividade de crítico no jornal *A Tarde*.

Em Salvador, Camillo de Jesus Lima participou de vários eventos literários e alguns poemas da sua fase “revolucionária” foram declamados em praça pública no bairro da Liberdade, em evento intitulado “Noite da poesia”. Tal evento, promovido pelo Grêmio Brasileiro de Trovadores, contou com a presença de poetas baianos e de outros estados. (A TARDE, 03.01.1959)

Camillo de Jesus Lima recebeu do crítico Afrânio Coutinho uma carta, datada de 05 de novembro de 1959, solicitando do poeta informações biográficas para inclusão do seu nome entre os escritores brasileiros que estariam no livro *Brasil e Brasileiros de hoje* (1961):

Com grande satisfação informo-lhe que estou trabalhando na confecção de um livro, com o título *Brasil e brasileiros de hoje*, que conterà nomes e biografias de todos aqueles que, com suas atividades, *estão promovendo, em grande escala, o desenvolvimento do Brasil* [grifo nosso]. Sua atuação no terreno cultural, revelando-se das mais proveitosas, tem imposto o seu nome ao respeito de seus patrícios. Assim, a sua biografia se torna imprescindível na presente obra.

Interessante que Afrânio Coutinho defendeu com veemência a atuação dos críticos iniciantes das faculdades de letras, os *scholars*, contrapondo-se, com igual ênfase à



# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

crítica literária que circulava nos jornais, a crítica de rodapé desenvolvida por bacharéis ou autodidatas naquele período. Parece-nos que nesse convite Afrânio Coutinho vem reconsiderar o próprio ponto de vista, pois o chamado não se restringe apenas ao Camillo de Jesus Lima poeta, estende-se, na verdade, ao crítico intuitivo, em última análise, crítico de rodapé, haja vista a grande atuação do conquistense também nessa área. Como se vê, não é inexpressivo seu papel no “desenvolvimento do Brasil”, como já o afirmara Afrânio Coutinho.

Ao retornar para o sudoeste baiano, Camillo de Jesus Lima continuou escrevendo para jornais textos em que satirizava os problemas da sociedade local. Apresentava-se com os pseudônimos de Brás Cubas, Sinegundo Sales e Severo Sales. Nessa época passou a colaborar com o jornal *O Conquistense*, cuja primeira edição foi em 15 de agosto de 1958.

Em 11 de maio de 1964, juntamente com outros companheiros conquistenses, Camillo de Jesus Lima foi preso pela força militar e levado para Salvador, onde permaneceu por 90 dias, sendo libertado em função da inexistência de provas que o condenassem. No presídio escreveu o poema “Atrás das grades”, texto que faz parte da antologia inédita *Poemas da Noite*, apresentado também no documentário *Camillo Poeta de Jesus Lima* (UESB, 1987), exibido no dia do lançamento da *Antologia Poética* (1987) publicada pelo Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários dessa instituição.

Embora nascido em Caetité, poucas vezes retornou à terra natal. Camillo de Jesus Lima adotou, desde a juventude, como segunda terra mãe a cidade de Vitória da Conquista, onde viveu por muitos anos, tempo em que experimentou a maturidade poética em seus versos. Manteve residência em Macarani por conta da função de oficial no cartório de registro, mas as visitas a Vitória da Conquista eram constantes. Foi a caminho desta cidade que em 28 de fevereiro de 1975, um acidente interrompeu-lhe a viagem, traumatismo que o levou à morte em 3 de março de 1975.

## **O lugar do poeta**



# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

Importa-nos aqui não apenas situar o poeta Camillo de Jesus Lima no espaço geográfico onde viveu, mas enfatizar as influências que essa localidade, reconhecidamente, ocupou em sua ambiência poética, como também localizá-lo social e culturalmente.

Camillo de Jesus Lima escreveu e publicou seus livros num período em que as convulsões do pós-guerra encontravam espaço para solidificar novos poderes. Por isso é preciso compreendê-lo como um dos sobreviventes de um tempo marcado pelas heranças do século XIX sofrendo as intempéries do século XX.

Do século XIX recebeu as influências literárias do romantismo brasileiro, principalmente de Castro Alves; do parnasianismo e simbolismo vem a preocupação com a forma e a precisão da palavra, o sentido e proporção que esta ganha quando estrategicamente trabalhada. Quanto aos temas, seja na poesia lírico-amorosa ou na lírica social, Camillo de Jesus Lima preocupou-se com trazer à tona os sentimentos de mundo a partir da sua vivência e das verossimilhanças elaboradas pelos escritores do final do século XIX, poetas e prosadores, principalmente os russos com suas histórias de guerras e exclusões.

Do século XX ganhou a intensidade das dores do mundo, já que este século foi marcado, desde o início, pelos estampidos de bombas, pelo dilaceramento do homem moderno e pela sua subordinação a poderes políticos identificados com forças hegemônicas que subjugarão o pobre, o negro, o estrangeiro, a mulher, o proletário.

Sobre a imagem do ambiente inspirador da poética de Camillo de Jesus Lima, o escritor Olegário Bastos faz referência a um texto escrito pelo poeta em homenagem a cidade Vitória da Conquista. Nessa produção intitulada “Meu poema para Conquista”, Camillo de Jesus Lima descreve a própria mocidade; segundo Olegário Bastos trata-se de um momento de “[...] arrojo e violência, de boemia e desassombro”. O poema de Camillo sobre Conquista é uma evocação à cidade que serviu de palco na luta do branco contra a “[...] fúria vermelha do guerreiro, travada nas matas virgens de cipó” (BASTOS, 1956). Tais imagens se tornam

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

possíveis de resgate também na produção de outro conquistense – o texto cinematográfico de Glauber Rocha.

Conforme caracterização anterior a Conquista do início do século XX ainda vivia os resquícios da invasão territorial. Mas a promessa de progresso invadiu a região e a cidade provinciana foi se rendendo às transformações da modernidade e demarcando seu espaço no cenário baiano.

O fato de nascer e morar no interior baiano, longe dos grandes centros, não impediu o voo do poeta, que atravessou fronteiras do conhecimento nas letras, na cultura e na política. Pelo contrário, foi na Conquista dos anos 40 a 50 ou ainda no silêncio da pacata cidade de Macarani que Camillo de Jesus Lima construiu seu “mosaico poético” e pintou seu grande mural de palavras.

Tentando conhecer alguns traços importantes da vida do poeta Camillo de Jesus Lima, José Leite (1945), ainda na matéria para a revista *Cooperação*, buscou descrever o ambiente em que vivia o escritor e menciona o que viu:

O seu gabinete de estudos, modesto, de uma modéstia elegante. Uma ordem que, de tão ordenada é quase irritante. Tudo ali parece alinhado sob medida. Uma mesa grande atravessada na sala, livros e papéis em lugares certos, dispostos como em escala cromática, onde o tato do poeta conhece as suas cousas até no escuro. Encima da mesa, do lado esquerdo, o retrato de Luis Carlos (Prestes). Do lado direito Castro Alves, o poeta preferido de Camillo e a quem reputa o maior gênio da raça. E num ângulo aberto entre os livros da mesa, a fisionomia de Jorge Amado, como saindo da moldura para conversar com o poeta. Apontando para os três retratos Camillo de Jesus Lima explica: o meu revolucionário, o meu poeta e o meu romancista. (LEITE, 1945)

O jornalista perguntou ao poeta se ele era feliz onde vivia, referindo-se ao interior da Bahia, ao que Camillo de Jesus Lima responde:

Não, meu amigo. Nasci para os meios agitados, intensos, febris. Para os ambientes sulcados das emoções fortes, das grandes paixões humanas. Vivo aqui como o corpo fora da roupa, como os ossos fora da carne. Prendem-me dois filhos, a família, a necessidade que tenho de criá-los, agarrado ao trabalho, que não me deixa descansar. Mas, criados meus filhos, tenho muitas coisas para tomar do mundo. Eu e o mundo temos um sério encontro de contas a fazer. O interior e a província me

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

desgastam, me neurastenizam. Jamais esse meio me amoldará à sua semelhança (LIMA apud LEITE, 1945).

O poeta expõe-se como aquele que não se acomoda ao cotidiano das pacatas cidades interioranas. Não há como falar do lugar desse poeta delimitando espaço-tempo. O texto a seguir, “O poeta escrevendo”, resgatado entre os inéditos de Camillo de Jesus Lima, escrito em Vitória da Conquista, em 30 de outubro de 1944, traz a reflexão sobre o lugar do poeta, respostas ao que nos é solicitado pelas inquietações também nossas, neste percurso:

Solidão uma conversa! Eu estou é no meio do mundo.

Do que serve trancar a porta?  
Do que serve botar as mãos nos ouvidos?  
Do que serve fazer o papel de surdo que não quer ouvir?  
Gritos de homens da rua entram, apesar de tudo,  
Vozes angustiadas de mulheres perdidas entram, apesar de tudo.  
Uivos de seviciados entram, apesar de tudo.  
Solidão uma conversa! eu estou é no meio do mundo.

Os eunucos estão fazendo flores nas torres de marfim,  
Mas eu estou é no meio do mundo.

O rumor das ruas confunde-se ao ritmo do teclado da máquina;  
Metralhadoras escrevem poemas no teclado da máquina,  
Cavalos estão batendo patas no teclado da máquina.  
Gente lutando,  
Suando,  
Amando, nas cinco partes do mundo.

Quem pode escrever poemas na solidão,  
Se portas trancadas nada valem  
Se mãos nos ouvidos nada valem,  
Se fazer o papel do surdo que não quer ouvir nada vale,  
Se os olhos dos moribundos ficam, do alto, iluminando as páginas,  
Se mãos alvas vêm acender o cigarro, devagarinho,  
Se o rumor das ruas vem fazer coro ao ritmo do teclado da máquina?  
Solidão uma conversa! Eu estou é no meio do mundo...

Fechado no recôndito do próprio ambiente, entre livros e papéis, cercado pela fumaça do cachimbo que mantinha sempre aceso enquanto produzia Camillo de Jesus Lima

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

não se limitou a uma/sua localidade. Trazia para si as dores do mundo, vestindo-se das mais variadas máscaras, colocando-se no lugar do outro através da representação poética.

O lugar que Camillo de Jesus Lima ocupou como intelectual e poeta, também pode ser reconhecido na crônica “Esse lugar me convém”, também resgatada do material inédito pesquisado. É o próprio poeta Camillo de Jesus Lima que se situa em meio às transformações que aconteciam no Brasil, entre as quais, a chegada do movimento modernista com as diferentes propostas e formas de pensar o país e sua literatura:

O que eu quero dizer hoje é que estou muito bem no meu tempo. Sou um sujeito satisfeito da minha geração intelectual. Posso até dizer que sou um sujeito orgulhoso da minha geração intelectual. Não sei, mesmo, se poderia viver e produzir em outro lugar e em outra época. Tudo o que a literatura é, hoje, é o que eu acho que ela deve ser: Vida. Luta. Suor. Cacau. Bagaceira. Café. Angústia. Trabalho. Amor. Não amor erótico de suspiros, mas amor vida, libertação.

[...] Os literatos de outros tempos viviam escondendo a vida. [...] Mas a minha geração é uma geração diferente. Não cata flores anacrônicas. Não engarrafa nuvens. [...] O que caracteriza a minha geração é não ter medo de escandalizar a burguesia puritana.

[...] Eu só faço literatura porque os homens da minha geração revelam ao povo que a literatura é para ele. É dele. É cimento. Suor. Cacau. Café. Trabalho. Angústia. Bagaceira. Perseguição. Cadeia. Safra. Pobreza. Miséria. Amor. Dor. Terra. Trabalho. Pão. Liberdade.

[...] Minha geração está pintando a vida para melhorar a vida. E eu estou bem, respirando o mesmo ar que respiram Jose Américo Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Dalcídio Jurandir, Raquel de Queiroz, Érico Veríssimo, Emil Fahrat. Amando Fontes, Oswald de Andrade, Abguar Bastos, Gilberto Freire, Anísio Teixeira, Edson Carneiro, Alves Ribeiro, Rossini Camargo, Guarnieri, Sosígenes Costa, Aydano do Couto Ferraz e esse imenso, esse querido Jorge Amado que, agora, com “São Jorge dos Ilhéus”, acaba de me mandar uma mensagem vibrante de compreensão da vida e de crença na Esperança.

[...] Só procuro o lugar onde fico à vontade. E estou no lugar que me convém...

A cadência de palavras tomadas pelo poeta define o ritmo em que se afinam ideais culturais, políticos e literários, num movimento convergente entre alguns intelectuais do ciclo modernista, separados em dois grupos: um que prioriza as relações estéticas e o outro, mais preocupado com o conteúdo ideológico.

Nos estudos empreendidos por João Luís Lafetá (2000), voltados para o esclarecimento das feições com que se pode ler o modernismo brasileiro, destacam-se as

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

vertentes do “projeto estético” e do “projeto ideológico”, conceitos com aspectos específicos, mas que não se excluem. O primeiro analisou as bases do modernismo de 1922, no eixo Rio/São Paulo, em que grupos se preocuparam, predominantemente, com o processo de rupturas conceituais da linguagem artística, o que caracterizou a Semana de Arte Moderna. O segundo grupo enfatizou questões de ordem social, local, num processo de denúncia das mazelas pelas quais passava a sociedade, propostas estas abraçadas principalmente pela chamada geração de 30. Esta última vertente expandiu-se pelas zonas interioranas dos estados brasileiros, revigorando o caráter regional, principalmente no nordeste, o que coloca em prática o conceito de “literatura como missão” (SEVCENKO, 2003, p.236-284), proposta segundo a qual a literatura deve assumir a função de porta-voz dos desvalidos.

Em consonância com os que pregavam o socialismo em todo o resto do mundo, artistas baianos articulavam-se em defesa dos direitos humanos, enfrentando, através das suas produções, o momento crítico por que passava todo o mundo durante a Segunda Grande Guerra. O compromisso de Camillo de Jesus Lima, entre o de outros artistas e intelectuais das décadas de 1930 a 1950 foi com a arte colocada a serviço de um ideal social. Lançou um olhar para as demandas e questões relacionadas com as propostas da identidade sociocultural e política do Brasil, o que se conformaria a partir de uma identificação com os clamores provenientes das periferias, das ruas, do povo do interior, dos sertões. Tal direcionamento concederia ao poeta em estudo a inscrição no “projeto ideológico”, a partir das explicitações de Lafetá e Sevcenko.

Alguns exemplos demarcam a ligação direta de Camillo de Jesus Lima com a ideologia de esquerda. Em uma carta datada de 06 de março de 1941, o então Ministro polonês Dr. Tadeu Skowronski agradece a Camillo de Jesus Lima os sentimentos expressos em “Visão da humanidade nova”, publicado pelo jornal *A Época* em 10. 11.1942, texto em que é retratada a condição imposta à Polônia em tempos de guerra; traduz também a esperança de um povo que renasceria mais forte diante do monstro nazista. Assim começa o poema:

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

Quando raiar a aurora para a humanidade nova,  
No lugar onde apodreceram cadáveres nascerão flores e espigas  
As hastes verdes que se embandeiraram ao sol glorioso da primavera  
Cobrirão os ossos brancos dos cadáveres  
E se agitarão para o céu, num gesto bom de bênçãos.

A militância política de Camillo de Jesus Lima não se restringiu aos textos literários, também se deve às atividades jornalísticas que desenvolveu, com uma série de artigos em favor do regime socialista. Publicou também “Carta aos companheiros encarcerados”, outro texto em que o poeta solidarizava-se com trabalhadores presos em Itabuna, conforme noticiou o jornal *O Momento*, em 11 de março de 1950.

Quando da legalização do Partido Comunista, Camillo de Jesus Lima tornou-se membro entusiasta. Conforme publicação do jornal *O Momento*, artistas e escritores vão ao Rio de Janeiro para receber os  *carnets*  de membro. E ao lado de dois consagrados romancistas brasileiros, Graciliano Ramos e Jorge Amado, representam os escritores baianos James Amado, Camillo de Jesus Lima, Jacinta Passos, Walter da Silveira, entre outros.

A participação política de Camillo de Jesus Lima nos movimentos políticos e culturais começou desde os primeiros contatos com o grupo do jornal conquistense *O Combate*, fundado em 1929, dirigido por Laudionor Brasil. Entre as décadas de 1930 a 1950 muitas ações que movimentavam a região estiveram sob a liderança de um grupo de intelectuais que se afinava com os ideais de esquerda, embora alguns deles pertencessem a facções políticas diferentes. Este é o caso do próprio Laudionor Brasil, que nunca escondeu sua admiração por Getúlio Vargas, opondo-se a ele mais tarde, quando opta pela redemocratização do país. O professor Ruy Medeiros (2009) escreve sobre os “Jornais conquistenses do passado”, e sobre *O Combate* e seus integrantes relata:

Em gesto ousado, Camilo de Jesus Lima, nas páginas de “O Combate” declara-se comunista e Laudionor Brasil não cria empecilhos ao poeta para publicar suas poesias panfletárias em favor do socialismo. É bem verdade que algumas são de mensagem política, mas não tem sabor de panfleto. O jornal publica declarações de Prestes e de Marighela por eleições livres, noticia de forma candente o próximo

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

comício de Prestes, em 15 de julho de 1945. A instalação do PC na Bahia é noticiada. O jornal, agora, suporta um equilíbrio: apóia candidatos do PSD, mas publica textos elogiosos a Prestes e ao socialismo. Viveu, como pode, essa aliança estranha (MEDEIROS, 2009).

O Combate demonstrou uma linha ideológica que transcende os interesses de grupos partidários, abriu-se aos interesses populares e à liberdade de expressão. Para compreendermos essa “aliança estranha” mencionada por Medeiros (2009) destacamos que, em Vitória da Conquista foi fundada uma agremiação, integrada por alguns partidários em apoio ao candidato de Régis Pacheco, naquele período líder do PSD na região, oposição acirrada a UDN. O V Congresso do Partido Comunista Brasileiro recomendou uma aliança entre as forças progressistas em defesa da soberania nacional e criou-se a Frente de Libertação Nacional, seção de Vitória da Conquista em 7 de novembro de 1961 (VIANA,1982), com ampla representatividade das classes patronais da região o que favoreceu a candidatura de José Pedral de Sampaio (PSD) nas eleições de 1962.

O grupo ligado a UDN, aproveitando-se do golpe de 1964, que ostentava a bandeira de repressão às manifestações populistas, denuncia o governo de Vitória da Conquista como centro de polarizações subversivas e comunistas (SOUSA e BORBOREMA, 2001, p.238-239). A militância de esquerda do poeta Camillo de Jesus Lima contribuiu para sua prisão em 1964, juntando-se a outros, que passaram a constituir o elenco dos presos políticos, incluindo-se nesse rol o então prefeito de Vitória da Conquista, José Pedral de Sampaio, preso em 5 de maio; recluso, segundo próprio depoimento, durante 60 dias. A respeito de Camillo de Jesus Lima assim se expressa o ex-prefeito: “a lembrança que tenho de Camillo de Jesus Lima é a de um homem valente e intelectual”, ilustrando sua fala com uma crônica escrita por Brás Cubas, pseudônimo de Camillo de Jesus Lima, cujo conteúdo faz referência ao discurso de posse de José Pedral como prefeito de Vitória da Conquista, texto datado de 21 de abril de 1963.

Sublinham-se, portanto, dois pressupostos relevantes na análise que procedemos na poética de Camillo de Jesus Lima: uma, que a sua participação política e a influência



# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

ideológica de esquerda são marcas inexoráveis que vem acrescentar a outros aspectos que já o fazem um representante da poesia baiana do século XX; outro é sua constante postura crítica quanto ao lugar que ocupa o poeta na sociedade, desvinculando-o dos dogmas que suprimem a força que emana da palavra e que lhe tiram a liberdade de expressão.

Destacar no rol da literatura baiana, um poeta do alto-sertão, voz autodidata que canta lirismo seja em versos de amor, revolucionários ou de denúncia social é uma forma colocá-lo entre nós, de resgatar do esquecimento o sentimento de liberdade versados pelo “eu lírico” camilliano em *Cantigas da tarde nevoenta* e nas demais obras que os leitores da atualidade precisam conhecer.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Olegário. Evocação do poeta. *Diário de Bauru*, São Paulo, 17 de fevereiro, 1956.

BRASIL, Francisco Assis Almeida (Organização, introdução e notas). *A poesia baiana no século XX*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

LAFETÁ, João Luiz. 1930: a crítica e o modernismo. São Paulo: Duas cidades, 2000.

LEITE, José. Camillo de Jesus Lima. *Cooperação*, Itabuna, novembro de 1945.

LIMA, Camillo de Jesus. Visão da Humanidade Nova. *A Época*, em 10. 11.1942.

\_\_\_\_\_. História curta e simples. *O Combate*. Vitória da Conquista, p.1, 22 nov. de 1943.

\_\_\_\_\_. *Jornal O Combate*, Vitória da Conquista, 24 de maio de 1944.

\_\_\_\_\_. Carta aos companheiros encarcerados. *O Momento* (suplemento literário – ficção, crítica, debate), Ano V, Bahia, 11 de março de 1950.

\_\_\_\_\_. BRASIL, Laudionor. *As trevas da noite estão passando*, Vitória da Conquista/Bahia: Editora *O Combate*, 1941.

\_\_\_\_\_. *Poemas*, Vitória da Conquista/Bahia: Editora *O Combate*, 1944.

\_\_\_\_\_. *Novos poemas*, Vitória da Conquista/Bahia: Editora *O Combate*, 1945.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

\_\_\_\_\_. *Viola quebrada*, Vitória da Conquista/Bahia: Editora *O Combate*, 1945.

\_\_\_\_\_. *Cantigas da tarde nevoenta*. Salvador: Editora S.A. Gráficas da Bahia, 1955.

\_\_\_\_\_. *A mão nevada e fria da saudade*, Edições Mar: Vitória da Conquista, 1971.

\_\_\_\_\_. *O livro de Miriam*. Edições Mar: Vitória da Conquista, 1973.

\_\_\_\_\_. *Poemas da Noite*. (inédito)

\_\_\_\_\_. *Poemas do Povo*. (inédito)

\_\_\_\_\_. *Canção da Esperança*. (inédito)

MEDEIROS, Ruy. <http://blogdopaulonunes.com/v2/2009/02/jornais-conquistenses-do-passado-2/> (publicação eletrônica) 2009.

MELQUESEDEQUE, Jorge. *Camillo Poeta de Jesus Lima* (direção do vídeo). Vitória da Conquista: UESB, 1987.

O MOMENTO. A delegação bahiana ao III Congresso dos escritores. Nº 126, Salvador, 02 de abril de 1950.

\_\_\_\_\_. A missão do artista é lutar pela democracia e o progresso – um escritor a serviço do partido de Prestes. Ano 1, nº 40, Salvador- Bahia, 10 de dezembro de 1945.

\_\_\_\_\_. Entrega de “*carnef*” aos escritores e artistas do P.C.B., Cidade do Salvador, 17 de abril de 1946.

\_\_\_\_\_. Cidade do Salvador, em 17 de abril de 1946.

\_\_\_\_\_. (ficção, crítica, debate), Cidade do Salvador, em 11 de março de 1950.

SALDANHA, Zélia Nunes & GUSMÃO, Anadete Mota. *Antologia poética – Camillo de Jesus Lima*. Vitória da Conquista: UESB, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, São Paulo: Brasiliense, 1983.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL  
ISSN: 2176-5782

SOUSA, Maria Aparecida S. de. BORBOREMA, Carlos Gomes. Literatura e Política: a trajetória de um poeta militante no interior da Bahia. *POLITEIA: Hist. e Soc.*, Vitória da Conquista, v.1, n.1, p. 225-246, 2001.

TANAJURA, Mozart. Apresentação/cronologia da obra de Camillo de Jesus Lima. 2000. (texto inédito)

VIANA, Aníbal Lopes. *Revista histórica de Conquista*, v 1, O Jornal de Conquista:Vitória da Conquista,1982.